



VOZES da
AGRICULTURA
ecológica

Capítulo 12

**VALDIRENE EVALDT
E ALUÍSIO CASSOL**

Laércio Meirelles

dezembro, 2017



Valdirene Evaldt e Aluísio Cassol



dezembro, 2017

Chego em uma das áreas em que Valdirene trabalha e vejo-a junto com o marido, Aluísio, e o filho, Davi. Uma linda e diversificada horta, em um bonito vale onde podemos divisar algumas montanhas que são parte da Serra Geral, que perpassa o Rio Grande Sul e Santa Catarina. A tarefa desta manhã chuvosa é transplantar repolho em meio às alfaces, plantadas uma semana antes, sobre um canteiro coberto de restos de folhas e galhos despedaçados. A cobertura morta, no jargão da Agricultura Ecológica, é oriunda de podas urbanas da Prefeitura de Canoas, devidamente trituradas. Valdirene soube, pelas redes sociais, dessa disponibilidade e contratou um frete para trazer o material até sua propriedade, na comunidade de Três Passos, município de Morrinhos do Sul.

O consórcio entre alface e repolho é uma das tantas técnicas utilizadas pela família para otimizar o uso do solo e prescindir de adubos químicos e agrotóxicos. O que vejo é parte do manejo básico nas hortas da família. Cobertura morta, canteiros fixos, plantas consorciadas, cultivos convivendo com a vegetação espontânea devidamente manejada. Pergunto e eles respondem que também preocupam-se com a rotação dos cultivos e, recentemente, em diminuir o uso do

esterco e da enxada rotativa.

Converso um pouco sobre essa prática da cobertura morta, sobre a vantagem que materiais de difícil decomposição podem trazer a médio e longo prazo ao solo, já que formam substâncias orgânicas mais estáveis e colaboram na estruturação de uma boa terra, grumosa, ou seja, com espaços para a circulação e retenção de ar e água. Isso e muito mais sobre a dinâmica da matéria orgânica no solo está explicado de forma magistral no capítulo 4, do livro “Manejo Ecológico do Solo”, escrito pela professora Ana Maria Primavesi.

Li esse livro em 1984, no meu quarto semestre da Agronomia, na Universidade Federal de Viçosa (UFV). Lembro-me de contrapor o que ouvia nas minhas aulas de solo com o que aprendia do livro. Os conceitos do livro pareciam-me muito mais inteligentes. As minhas indagações em sala de aula muitas vezes eram vistas como inconvenientes por alguns professores.

Vou dar um exemplo de como a leitura atenta desse livro trazia-me informações que se contrapunham ao que eu aprendia em sala de aula. Em quase todos os cultivos agrícolas, o nitrogênio (N) é um elemento chave para seu bom desenvolvimento. O que eu aprendia em sala de aula? Usar adubos nitrogenados solúveis para suprir essa necessidade. Ureia é o mais conhecido deles, mas não o único. Quando se falava em outras possibilidades para disponibilizar nitrogênio às plantas, mencionava-se adubação verde com leguminosas, plantas que através de uma associação simbiótica com determinado microrganismo são capazes de retirar nitrogênio do ar. No “Manejo Ecológico do Solo”, aprendemos que a principal vantagem da prática da adubação verde não é a fixação biológica do nitrogênio, mas sim a disponibilização para o solo de biomassa, que será utilizada pela vida do solo como fonte de alimento e fará essa vida se desenvolver. Mais, nesse livro aprendi que existem também bactérias que fixam nitrogênio e

que vivem livres, principalmente em solos tropicais. E também, ao redor das folhas, existem outras bactérias capazes de fixar nitrogênio do ar. A conclusão que emerge dessas informações é que pode ser prescindível usar adubo nitrogenado comprado ou, ao menos, é possível minimizar o uso, se direciono meu manejo para disponibilizar matéria orgânica para o solo. Para finalizar o parágrafo, vou dizer que o Brasil importa cerca de 75% dos fertilizantes que consome, dentre eles os nitrogenados.

Em suma, Ana Primavesi nos diz nesse livro, já na introdução, que os solos em regiões tropicais são, sim, produtivos, mas devem ser entendidos e manejados de maneira diferente dos solos em climas temperados. Como a maior parte dos conhecimentos dito científicos vem de trabalhos realizados no norte do planeta, cometemos muitos equívocos ao segui-los. Simples, não é? É sim, simples assim. Mas muitas dessas informações que ela traz, que valorizariam um manejo mais autóctone dos nossos solos, podem também nos ajudar a sermos mais independentes em adubos e, conseqüentemente, em agrotóxicos. Assim como no exemplo do nitrogênio, estamos outra vez falando na força do mesmo poder de sempre, as gigantescas empresas agropetroquímicas.

Começo a conversar, volto um pouco no tempo e peço a Valdirene para relatar quando começou a envolver-se no trabalho com Agricultura Ecológica. Ela conta que sempre gostou das atividades comunitárias. No final de 1990, começou a participar Pastoral da Juventude Rural (PJR).

— Por que, Val, novinha, 13 anos, já na PJR?

— *O pai e a mãe atuavam muito na Igreja Católica, eram um casal vocacional. E nos estimulavam a participar das atividades. A Reinalda Fritzen estava sempre por aqui, também nos incentivava a participar, dava uma força grande. Aí eu fui para a PJR.*

Paro e penso na importância da Igreja quando opera no sentido de buscar a organização comunitária para debater temas

relevantes. Nessa época, com a Teologia da Libertação em voga, muitas dinâmicas sociais com caráter mais progressista surgiram a partir desse trabalho.

Ela acrescenta:

— *Em janeiro de 1991, alguns jovens agricultores da Serra Gaúcha vieram divulgar na Região de Torres, o trabalho com Agricultura Ecológica feito em Antônio Prado e Ipê. Nessa viagem estavam Luiz Pasetto, Olimar Pontel, Nelson Belle, Joceli Veadrigo (Picola) e Itair Vígolo.*

Posso acrescentar que essa atividade foi promovida pela Pastoral Rural da Diocese de Caxias do Sul, que, na época, englobava o Litoral Norte do Rio Grande do Sul e teve o apoio do Centro Ecológico. Fruto desse intercâmbio, foi marcado o primeiro curso de Agricultura Ecológica na região em abril de 1991.

Nessa época, Valdirene, que nasceu em 1977, tinha de 13 para 14 anos. Com essa pouca idade ela não fez o curso, mas acompanhou algumas mulheres que começaram a experimentar o aprendizado nesse curso, em suas hortas caseiras. Dentre elas sua mãe.

— *Eram muitas reuniões aqui na comunidade vizinha, a Pixirica. Eu participei de algumas, meus pais também. Assim, desde 1991, eu já ficava tentando convencer meu pai a aderir à proposta da Agricultura Ecológica.*

— E por que esse interesse, Valdirene?

— *Não sei bem... mas lembro que como caçula (da casa) via minhas irmãs saírem de casa para serem empregadas domésticas. Eu ficava pensando se esse seria meu fim. Nada contra, mas não era o que eu queria. Acho que com a Agricultura Ecológica vi a possibilidade de ficar na roça.*

— Gostava tanto assim de trabalhar nas lavouras?

— *Nem tanto... mas sempre gostei de morar aqui!*

Eu insisto um pouco no assunto. Converso com ela que, de certa forma, na sua geração, as mulheres da região foram

empurradas em direção à cidade. Devo dizer que Valdirene sempre foi inteligente e bem articulada. Sua mãe, que nem completou o primário, dizia que ela seria advogada. O pai, analfabeto funcional, apostava que ela trabalharia em banco. E estimulavam-na a trilhar caminhos urbanos.

— E você, Val, o que “queria ser quando crescesse?”
Agricultora?

— *Não... quando era criança tinha o sonho de ser secretária executiva, achava bonito aquela mulher que eu via nas novelas, com caderninho na mão e anotando as coisas...* (risos).

Penso em quantas mulheres, sei que alguns homens também, mas essa conversa me faz pensar nas mulheres, foram quase expulsas de casa, pois a mãe, às vezes o pai, não queria que a filha “passasse o que eu passei”. Uso a palavra expulsa sabendo que pode ser exagerada, mas é a que me ocorre, ao menos em um sentido psicológico ou mesmo por pressão social. Enquanto penso nisso, Valdirene segue.

— *Mas fui ficando... é que, como disse, gosto muito da vida tranquila daqui. Nasci aqui. Nunca sai. A única experiência, há muito tempo, de ir trabalhar no verão, em Torres, eu não curti. Morando aqui me sinto longe da bagunça da cidade, mas com acesso ao que ela oferece. As novas tecnologias de comunicação também ajudam a não nos sentirmos isolados.*

Valdirene foi pela primeira vez à feira de Porto Alegre em 1994, quando seu pai decidiu entrar na Associação dos Colonos Ecologistas da Região de Torres (Acert), associação que emergiu do já mencionado curso de 1991. Em 2001, ocupando a representação da família na Acert, começou a trabalhar em parceria com seu irmão, Valdeci Evaldt. Ela afirma que foi nesse momento que começou, realmente, a aprender trabalhar na agricultura.

— *Como mulher e caçula na família não me levavam muito para a roça. Eu acabava cuidando das coisas da casa,*

dos meus estudos, dos meus sobrinhos.

Foi nessa época, também, 2001, que conheceu Aluísio em um intercâmbio entre jovens rurais promovido pela PJR Estadual. Um dos grupos veio visitar o trabalho desenvolvido no Litoral Norte no campo da Agricultura Ecológica. Aluísio estava entre os visitantes. Parece que ele se empolgou... veio, viu e ficou! Em 2002, casam-se e estabelecem moradia na comunidade de Três Passos. Davi nasceu nesse mesmo ano. Estão casados, portanto, há mais de 15 anos.

— *Fui muito bem recebido na comunidade. Senti um pouco a mudança cultural, o ambiente, mas gosto muito daqui.*

— De onde você veio, Aluísio?

— *Cachoeira do Sul, Região Central do Estado. Meus pais eram agricultores, plantavam arroz e soja. Tive que aprender a trabalhar com horta e banana. Tudo manual, o que não era como trabalhávamos em casa.*

Pergunto pelas bananas. Nesta hora a interlocução muda da Valdirene para o Aluísio. O casal não foge à regra da região. Bananal é “dos homens”. Ele explica:

— *Trabalho manejando a vegetação espontânea, mantenho ela mais ou menos baixa, não passa da altura do joelho, para facilitar a colheita da banana. Não costumo semear nenhuma adubação verde específica. Este ano, na metade do bananal usei esterco e, na outra metade, composto. Ainda estou avaliando o melhor resultado. Já usei cinza e pó de rocha em outros momentos.*

— Pulveriza algo?

— *Óleo mineral com esterco fervido. Ano passado nenhuma e este ano uma vez.*

Aluísio nunca tinha trabalhado com banana.

— Como foi Aluísio, como você aprendeu?

— *Aprendi lidando com meu falecido sogro e com meu cunhado Valdeci. Fiz algum curso e sempre tem uma conversa aqui, outra ali.*

Em 2008, conseguiram adquirir parte das terras que eram dos pais da Valdirene, com apoio da família do Aluísio. Hoje, possuem 6,7 hectares (três de banana, um de horta, meio de goiaba e o restante capoeira e mata). Mais um hectare arrendado, aquele mesmo local onde vi a cobertura morta.

Nessa área arrendada existem alguns manejos de longo prazo que eles se sentem desestimulados a fazer, pois não sabem até quando essa área estará sob seus cuidados. Hoje em dia, buscam ajustar a produção à demanda da feira, que está menor que em outros tempos.

Aluísio comenta:

— *São muitas feiras. Em Porto Alegre e região são 38 a cada semana. E cresceu muito o número de feirantes. Naturalmente as vendas individuais tiveram uma queda.*

Impressiona-me o dado. Não acho que exista uma outra cidade do mundo onde há 38 feiras de produtos ecológicos por semana.

A renda da família, que sempre foi crescente, estagnou-se nos últimos três anos. Além das feiras, eles comentam o aumento do número de donos de lojinhas de produtos naturais que os procuram. Isso vem compensando um pouco a diminuição do volume de venda nas feiras.

Com esse pequeno decréscimo no ingresso econômico da família, eles têm buscado também evitar despesas, diminuindo os custos de produção. Com isso, o assunto volta ao manejo que fazem. Explicam que hoje quase não contratam mão de obra e buscam um manejo na horta e no bananal através da cobertura morta e da adubação verde, que lhes permite ser menos dependentes de esterco comprados. Também utilizam menos a enxada rotativa e sempre deixam parte da horta um pouco parada, em uma espécie de pousio, para permitir o crescimento e posterior manejo da vegetação espontânea. Práticas que tendem a manter ou melhorar a qualidade do solo. Valdirene se empolga:

— *Já diminuámos muito o uso de esterco. Quando pegamos a área onde trabalhamos não tinha nem minhoca na terra, era muito degradada. No primeiro ano foi só mandioca e milho e olhe lá! Hoje, quando abro a terra e vejo a quantidade de minhocas, fico feliz e impressionada.*

Valdirene conta que o início do trabalho representou esta possibilidade de, produzindo sem agrotóxicos, comercializar em um mercado diferenciado – nesse caso a Feira dos Agricultores Ecologistas, (FAE), de Porto Alegre, organizada, naquele momento, pela Cooperativa Ecológica Coolméia. Em outras palavras, o que a movia não era tanto cuidar do meio ambiente, lutar contra as multinacionais ou mudar o mundo, como foi para outros pioneiros da Acert. Era mais buscar um trabalho legal, que permitisse a ela manter-se no espaço onde mais gostava e gosta de estar.

Valdirene conta um episódio que foi marcante para a família.

— *Há uns três anos, a palestra do Jaques Saldanha, aqui na nossa região, nos fez ver algumas coisas de forma diferente. Ele falava da incoerência dos agricultores ecologistas comprarem produtos convencionais. A partir daí mudamos muito, passamos a comprar produtos ecológicos para nosso consumo e mesmo o detergente ou o sabonete comum cortamos da casa. Só usamos caseiro!*

Pergunto se não tem a ver com o fato deles terem aumentado a renda e agora “sobrar” para se preocupar com os alimentos ecológicos. Ela reage de forma quase enérgica:

— *Não. Foi uma questão de opção mesmo. Compra-se produtos ecológicos, mas falta grana para outras coisas. Não tem grana para tudo, tem que escolher. Demorou, mas aprendemos a escolher a alimentação...*

— E as feiras? Vocês gostam de ir?

Valdirene se antecipa:

— *Adoro! Sempre gostei de ir à feira. Claro que no*

início era mais divertido, todos mais jovens, alguns solteiros, a viagem era uma festa. Hoje dormimos mais, todos mais cansados, mas segue sendo muito legal. Gosto das amizades que faço, do contato com os consumidores. Nem procuramos outros meios de comercialização, quase tudo vendemos nas Feiras. Nos profissionalizamos em Feiras. Estamos na FAE e no Menino Deus.

— O que produzir também é definido pelo contato com os consumidores?

— *Sempre. A alface romana que você viu hoje na horta é um exemplo. Alguns consumidores sempre pediam. Fui me informando, comprei, provei, gostei e resolvemos plantar.*

A essa altura do papo já estamos conversando na sala da ampla e moderna casa. Davi sai do seu quarto e vem buscar um chimarrão. Olho para este jovem, 15 anos, e penso neste tema tão presente da permanência dos jovens nas áreas rurais. Começo o assunto com os pais.

— O Davi gosta daqui?

— *Gosta. Mas ele ainda não sabe bem o que quer fazer. Sugerimos ele sair este ano para fazer o Ensino Médio no Instituto Técnico Federal de Santa Rosa do Sul, SC, ele não quis. Não quer ficar sem renda.*

Fico curioso sobre qual ingresso um rapaz de quinze anos tem no meio rural.

— *O pai combinou com ele que um percentual da renda do bananal é dele, se ele nos ajuda no trabalho como um todo. Estuda de tarde e nos ajuda de manhã. Ele assume parte das suas despesas com o dinheiro que ganha. Há pouco comprou uma cama e agora está juntando para comprar um desktop. Um notebook ele já tem. Às vezes, compra jogos de computador, roupas, o que ele quiser com sua grana.*

Cada vez mais me convenço do óbvio. Sem autonomia, sem certo poder de decisão, um pouco de recursos próprios, não há como os jovens ficarem com os pais em uma propriedade rural.

— Para vocês é importante que ele fique trabalhando aqui?

— *Sim, gostaríamos. Se ele resolver sair vai contar conosco, mas seria melhor se ficasse. De certa forma, acho que mais por ele do que por nós.*

O que está faltando, Val?

— *Passear mais. Antes não nos dávamos este direito, quase não tirávamos férias. Andamos fazendo umas viagens em família e gostamos muito.*

— De resto?

— *Seguir. A vida aqui está muito boa. Voltamos a atuar mais na comunidade, o que eu sempre gostei. Somos tios do grupo de jovens da comunidade, o Davi também participa. Valorizamos muito a qualidade da nossa alimentação. Andamos mais em família, todos juntos. Hoje eu vejo que minha escolha por ficar na comunidade e trabalhar com Agricultura Ecológica foi a escolha certa.*

Essas últimas palavras da Valdirene deixaram-me pensando sobre esta arte, a arte das escolhas certas.

